

# Lélia Gonzalez – fazendo escola

Lélia Gonzalez – making school

Antonia Lana Alencastre Ceva.

## Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa realizada no ano de 2011 para o *Projeto Memória Lélia Gonzalez – o feminismo negro no palco da História* – uma parceria da Fundação Banco do Brasil, Rede de Desenvolvimento Humano e Brasilcap – e tem como objetivo apresentar o *Projeto Memória Lélia Gonzalez*, de autoria da Fundação Banco do Brasil, e suas contribuições ao debate atual no âmbito da educação, em diálogo com a Lei 10.639 de 09/01/03 que insere a temática da História e da Cultura Afrobrasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino, ampliada pela Lei 11.645/08, a qual incorporou a questão indígena. A metodologia de pesquisa qualitativa propiciou o levantamento de dados bibliográficos e documentais, complementados com entrevistas semiestruturadas. Dentre as diversas bibliotecas e instituições consultadas, destacamos o acervo pessoal da homenageada, que denominamos Acervo Lélia Gonzalez, composto basicamente de material impresso (textos, documentos pessoais, currículos, jornais, fotos), sob a curadoria do Pai Jair D’Ogum, principal liderança religiosa do Ilê Oxum Apará, no Bairro de Itaguaí/RJ.

**Palavras-Chave:** Feminismo negro. Racismo e sexismo. Educação das relações étnico-raciais e de gênero. Mulheres negras.

Como citar esse artigo. Ceva ALA. Lélia Gonzalez – fazendo escola. Revista Mosaico. 2015 Jan./Jun.; 06 (1): 23-28.

## Abstract

The aim is to present the “*Projeto Memória Lelia Gonzalez*”, from “*Fundação Banco do Brasil*”, and their contributions to the debate in education, according the Law 10.639 of 01/09/03 which incorporated the theme of History and Culture of Afro-Brazilian and African in the curriculum of institutions education, magnified by Law 11,645 / 08, which also incorporated indigenous issues. Data from the survey conducted in 2011 for Lelia Memory Project Gonzalez named Black feminism in History, a partnership of the *Fundação Banco do Brasil, Rede de desenvolvimento Humano e Brasilcap*. Qualitative research methodology was done by bibliographic and documentary data, besides the semi-structured interviews. Among the libraries and institutions studied, we highlight the personal collection of Lelia Gonzalez. We named *Acervo Lelia Gonzalez* which consists mainly of printed materials (texts, personal documents, curriculum, newspapers and pictures), by curatorship of *Pai Jair D’Ogum*, the main religious leadership of *Ilê Oshun Apará*, at Itaguaí neighborhood, Rio de Janeiro, Brazil.

**Keywords:** Feminism movement. Racism, education of ethnic relations and gender. Black people. Black Women.

## Projeto Memória Lélia Gonzalez – o feminismo negro no palco da História

O Projeto Memória é de autoria da Fundação Banco do Brasil e consiste em uma:

tecnologia social de educação que pretende difundir a obra de personalidades que contribuíram significativamente para a transformação social, a formação da identidade cultural brasileira e o desenvolvimento do país. O objetivo da tecnologia social em educação é alcançar professores, alunos da rede pública de ensino, historiadores e formadores de opinião.<sup>1</sup>

A estreia deste projeto ocorreu no ano de 1997, com o poeta Castro Alves. Na sequência, os homenageados contemplados foram: o escritor Monteiro

Lobato (1998), o jurista Rui Barbosa (1999), o navegante Pedro Álvares Cabral (2000), o ex-presidente Juscelino Kubitschek (2002), o sanitarista Oswaldo Cruz (2003), o sociólogo Josué de Castro (2004), o educador Paulo Freire (2005), a feminista Nísia Floresta (2006), o líder da Revolta da Chibata João Cândido (2008), o Marechal Rondon (2009), o escritor Carlos Drummond de Andrade (2012) e a feminista negra Lélia Gonzalez (2015).

Podemos observar que em treze edições, apenas duas mulheres foram contempladas: a feminista e educadora Nísia Floresta (2006) e a feminista e intelectual negra Lélia Gonzalez (2015). Em ambas as edições a Fundação Banco do Brasil contou com a parceria da organização não governamental e feminista Rede de Desenvolvimento Humano<sup>2</sup> para realização de toda a

<sup>1</sup> Para saber mais: Disponível em: <http://www.fbb.org.br/acoes-programas/educacao/projeto-memorial/>, Acesso em: 03 nov. 2015.

<sup>2</sup> Todo o processo de pesquisa e a elaboração dos 05 materiais do Projeto Memória Lélia Gonzalez foram supervisionados pela Coordenadora Executiva da REDEH, Schuma Schumaher.

Pedagoga, com habilitação para Administração/Supervisão Escolar, Mestre em Educação Brasileira (2006) pela PUC-Rio e Doutora em Serviço Social pela mesma instituição (2013). Implantou um curso de capacitação de professores, na Escola CEPE de Miguel Pereira, com base na Lei 10.639 de 09/01/03, que obriga o ensino da História e da Cultura Afrobrasileira e Africana nas instituições oficiais de ensino. Coordenadora de Pesquisa da REDEH, desde 2009, atuou nos seguintes projetos: Mulheres Negras do Brasil – edição condensada (2011), Mulheres em Campo: driblando preconceitos (2014), Projeto Memória Lélia Gonzalez (2015) e Herdeiras das Suffragistas, que resultou na co-autoria do Mulheres no Poder – trajetórias na política a partir da luta das sufragistas do Brasil. É co-autora, também, do livro Outras mulheres: mulheres negras brasileiras ao final da primeira década do século XXI, publicado em 2012, pela Editora PUC-Rio.

pesquisa qualitativa e elaboração dos 05 materiais, são eles: livro fotobiográfico, vídeo documentário (DVD), almanaque histórico, site e exposição itinerante.

Estesilenciamento das mulheres na História do Brasil é passível de interpretação uma vez que a historiografia oficial privilegia a figura masculina na construção social, política e cultural do nosso país. Um exemplo é o material didático adotado nas escolas oficiais de ensino, que pouco, ou nada privilegia as trajetórias de luta das mulheres contra as distintas opressões impostas pela sociedade.

Parte do trabalho da Rede de Desenvolvimento Humano, ao longo de mais de duas décadas, é recuperar o protagonismo das mulheres na edificação da nossa História, desde os “descobrimientos” até os dias atuais.

A escolha do nome de Lélia Gonzalez foi sugerido pela Redeh e contou com um importante apoio da Secretaria de Políticas para as Mulheres/PR e da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial/PR para que fosse acatado pela Equipe da FBB, responsável pela escolha do nome da futura homenageada.

## **Ilê Oxum Apará – um território religioso e um campo de pesquisa**

Para a realização de todo o processo de pesquisa, de levantamento de dados e realização de entrevistas semiestruturadas, a REDEH contou com uma equipe de três pesquisadoras,<sup>3</sup> que se dividiram entre os Estados do Rio de Janeiro e Brasília/DF, uma vez que uma das pesquisadoras residia no Distrito Federal e pôde realizar um mapeamento no Arquivo Nacional de Brasília e no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, órgão no qual Lélia Gonzalez atuou de 1985 até 1989.

No Rio de Janeiro, as outras duas pesquisadoras iniciaram a pesquisa pelo Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil/REDEH, pelo Acervo Iconográfico de Januário Garcia e pela internet, onde realizaram um levantamento de textos de autoria de Lélia Gonzalez e sobre Lélia Gonzalez, incluindo teses, dissertações, artigos, comunicações e homenagens.

Todo o material selecionado foi organizado por ordem cronológica, permitindo a elaboração de uma linha do tempo sobre a homenageada. Para escrever uma biografia é preciso ter a consciência que trata-se de um sujeito histórico e coletivo, o qual vivencia os problemas, os conflitos e as transformações de um determinado tempo e contexto social, político e cultural.

Em nossa interpretação Lélia foi uma *intelectual negra* e ativista política que não dissociava uma atuação da outra, por isso privilegamos o diálogo que ela fazia entre os espaços da militância e da academia. Entendemos o conceito de *intelectual negra* na perspectiva de Bell

Hooks (1995):

Sem jamais pensar no trabalho intelectual como de algum modo divorciado da política do cotidiano, optei conscientemente por tornar-me uma intelectual, pois era esse trabalho que me permitia entender minha realidade e o mundo em volta, encarar e compreender o concreto. [...] Intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla.<sup>4</sup>

Dialogamos com a autora, uma vez que acreditamos que a *intelectual negra* é aquela que vive organicamente os problemas e os conflitos da comunidade, na qual está inserida, numa perspectiva política de mudança e transformação social. Lélia Gonzalez foi uma mulher negra que denunciou, no Brasil e no mundo, o racismo e o sexismo como estruturas de subalternização das mulheres negras. Deixou um grande legado teórico para as organizações negras e para a academia, ao trabalhar os conceitos de raça, classe e gênero numa perspectiva interseccional.

Com o nosso objeto de estudo bem delimitado, fomos visitar o acervo que Lélia Gonzalez doou em vida para o Pai Jair D’Ogum, principal liderança religiosa do Ilê Oxum Apará, que se localiza em Itaguaí/Rio de Janeiro. Um território do sagrado, de matriz africana, guardião de um acervo pessoal construído por uma intelectual negra e ativista política. Compreendemos o espaço do terreiro na perspectiva da educadora Vanda Machado:

O espaço do terreiro compreende um lugar atemporal e possui seus métodos de aprender e de ensinar. Os nossos mais velhos aprenderam a fazer observando, imitando e admirando os seus mais velhos nos seus saberes e fazeres. Como que obedecendo a uma cadeia para a manutenção, continuidade e expansão da cultura do cabe-lhes ensinar como aprenderam para que os mais novos possam dar continuidade à tradição.<sup>5</sup>

Dialogando com a autora, interpretamos o espaço do terreiro como um espaço educativo, dinâmico, mediado pelo/a mais velho/a (Pai de Santo ou Mãe de Santo) considerado o/a guardião/ã de uma memória que é ancestral e coletiva. Ou seja, o espaço do terreiro é a recriação do pensamento africano na diáspora. Por isso, talvez, que Lélia tenha doado todo o seu acervo para o Ilê Oxum Apará, um espaço onde as histórias, as memórias e as tradições são preservadas e perpassadas de geração para geração.

Utilizamos o termo acervo de forma equivocada, pois acervo subentende-se uma base documental estruturada, higienizada, digitalizada e acessível para o público. Nós encontramos o Acervo Lélia Gonzalez (assim o denominamos) em seu estado bruto, como ela deixou antes de falecer.

4 HOOKS, Bell. “Intelectuais Negras”. *Revista Estudos Feministas*, ano nº 03, segundo semestre, 1995, p. 468.

5 MACHADO, Vanda. Aqueles que tem na pele a cor da noite: ensinâncias e aprendizagens com o pensamento africano recriado na diáspora. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da UFBA, Salvador, Bahia, 2006. p. 22.

3 Antonia Ceva – Coordenadora de Pesquisa da REDEH e Doutora em Serviço Social pela PUC-Rio; Rosana Chagas – socióloga formada pela UERJ e Melina Lima – historiadora formada pela UNB.

Foram dois finais de semana debruçadas sobre livros, artigos, comunicações, monografias de alunas/os, cartões-postais, fotos, cartazes, diários, jornais, álbuns de fotografias, currículos, relatórios de pesquisa, certificados, convites; tudo o que compõe o “Acervo” Lélia Gonzalez. Devido a extensão e o volume do material impresso, optamos por separá-los por categorias, tendo em vista a produção de Lélia Gonzalez (textos e artigos de sua autoria) e a produção de outros/as autores/as sobre temáticas diversas.

Todo este material foi armazenado em caixas box – identificadas de acordo com o conteúdo e, algumas, de acordo com o local/espço no qual Lélia atuou, por exemplo: PUC-Rio, Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Curso de Cultura Negra no Parque Lage, Jornais do Movimento Negro Unificado (MNU).

Para elaboração dos materiais previstos no Projeto Memória, privilegiamos a produção teórica de Lélia Gonzalez, ou seja, artigos, comunicações, livros e textos de sua autoria. Em parceria com o sociólogo Carlos Hasenbalg, escreveu o livro *Lugar de Negro*, no ano de 1982. No ano de 1987, publicou o livro *Festas Populares no Brasil*, que ganhou um prêmio internacional na Feira Literária de Leipzig, na Alemanha. As demais produções foram publicadas em jornais e revistas, de grande circulação na época, tais como: *Jornal Mulherio*, *Lampião da Esquina*, *Jornal do Movimento Negro Unificado* (MNU), *Pasquim*, dentre outros.

Encontramos em seu “acervo” um relatório escrito para a Fundação Ford, entidade que financiou uma pesquisade Lélia em Baltimore/EUA, em parceria com as professoras Tereza Cristina N. Araújo Costa e Lucia Elena Garcia de Oliveira, denominada “Mulher Negra: uma proposta de articulação entre raça, classe e sexo”.

Neste documento, relata seu encontro e diálogo com Angela Davies, uma das principais referências norte-americanas na luta contra o racismo e o sexismo. Observamos, com isso, que Lélia estabeleceu diversas conexões internacionais, dialogando com ativistas e acadêmicas/os, o que permitiu a ela uma visão mais ampla da complexidade da questão racial no Brasil e no mundo. O internacionalismo de Lélia Gonzalez foi um aspecto privilegiado na elaboração dos materiais do Projeto Memória, que serão apresentados no próximo subcapítulo.

## O legado de Lélia Gonzalez

Após o levantamento bibliográfico e a pesquisa de campo, realizamos algumas entrevistas semiestruturadas, para complementar informações que não estavam disponíveis no material coletado, sobretudo, a história familiar de Lélia Gonzalez. Foram

entrevistados/as: Eliane de Almeida e Roselvia de Almeida (sobrinhãs de Lélia Gonzalez); Rubens Rufino (filho de Lélia Gonzalez); Elisa Larkin Nascimento (Diretora do Instituto de Pesquisas e Estudos Afrobrasileiros); Januário Garcia (Fotógrafo, ativista e amigo pessoal de Lélia Gonzalez); Pai Jair D’Ogum (Principal Liderança do Ilê Oxum Apará).

O roteiro das entrevistas foi estruturado de acordo com as informações que buscávamos coletar de cada entrevistado/a. Para a família, elaboramos algumas questões sobre o histórico familiar de Lélia Gonzalez, sua infância, a vinda para o Rio de Janeiro, sua trajetória escolar etc. Para amigas/os, privilegiamos questões voltadas para a religiosidade, a trajetória na militância e na academia.

Utilizamos a entrevista semiestruturada para complementar nosso levantamento de dados, sem um roteiro fechado e padronizado, deixando as circunstâncias do contexto interferirem no andamento do processo. Na perspectiva de Manzini: “A entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”.<sup>6</sup>

Quando finalizamos a coleta de dados, iniciamos a estruturação e elaboração dos materiais do Projeto Memória Lélia Gonzalez, são eles: a exposição itinerante, site, almanaque histórico, livro fotobiográfico e um vídeo documentário. Neste processo de elaboração, contamos com a parceria da produtora ABravideo.

A exposição itinerante é composta de dezesseis painéis frente e verso, com oito estruturas de sustentação.<sup>7</sup> O objetivo é disseminar o pensamento teórico e a trajetória de Lélia Gonzalez por diversas regiões do Município do Rio de Janeiro e outros Estados. Para este material, exploramos a parte iconográfica (imagens e fotos) e um texto introdutório para cada painel.



**Foto 1.** Exposição montada no Centro Cultural Banco do Brasil/RJ, 24 de fevereiro de 2015.  
Crédito: Fundação Banco do Brasil

<sup>6</sup> MANZINI, E. J. “A entrevista na pesquisa social”. *Didática*, São Paulo, v. 26/27. 1990/1991. p. 154.

<sup>7</sup> A Rede de Desenvolvimento Humano possui duas réplicas da *Exposição Itinerante Lélia Gonzalez* para circular pelo Estado do Rio de Janeiro; as organizações interessadas devem entrar em contato com a REDEH para agendamento e formalização do pedido.

O almanaque histórico elaborado pelo professor Paulo Corrêa é um material pedagógico, direcionado para professores/as e alunos/as da educação básica; auxiliando na realização de atividades educativas sobre a homenageada e está em consonância com a Lei 10.639 de 09/01/2003, que insere a temática da História e da Cultura Afrobrasileira e Africana nas instituições oficiais de ensino. Em 2008, esta legislação foi ampliada pela 11.645, a qual incorporou a questão indígena.

O livro fotobiográfico escrito pela filósofa e feminista negra Sueli Carneiro é um material de pesquisa, de capa dura, que denominamos kit biblioteca. A linguagem utilizada em seu conteúdo difere-se do almanaque histórico, uma vez que é um produto direcionado para pesquisadores/as, estudiosos/as e ativistas que dialogam com os referenciais teóricos de Lélia Gonzalez.

Este material vem acompanhado de um vídeo documentário de vinte minutos, o qual traz depoimentos de familiares, amigas/os, pesquisadores/as e da própria homenageada. A linguagem audiovisual aproxima o/a espectador/a do que está sendo veiculado. Tendo em vista a globalização é um recurso tecnológico que dialoga, sobretudo, com o público jovem. Por isso, a linguagem visual desempenha um papel didático e educativo muito importante no contexto atual.

A informação e a forma de ver o mundo predominante nas sociedades atualmente provêm fundamentalmente da televisão, que atua de forma sedutora e aparentemente desprezível, alimentando e atualizando os universos sensoriais, afetivos e éticos que crianças, jovens e grande parte dos adultos levam para a sala de aula.<sup>8</sup>

Outra ferramenta tecnológica, atualmente, muito explorada pela população jovem, em especial, é o site (<http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/>) que possui um conjunto de páginas, imagens e textos localizadas na internet. O site do projeto memória disponibiliza textos de autoria de Lélia Gonzalez para download. Foi uma forma que encontramos de tornar público e acessível alguns escritos de Lélia Gonzalez, uma vez que seu “acervo” é, ainda, inédito.

Todos os materiais do projeto foram pensados, produzidos e elaborados numa perspectiva educativa e de contribuir com o debate atual sobre a reeducação das relações étnico-raciais, em consonância com a Lei 10.639 de 09/01/03.

## As contribuições de Lélia Gonzalez para a reeducação das relações étnico-raciais e de gênero

A educação brasileira tem sido apontada, pelas pesquisas

oficiais e acadêmicas, assim como pelos movimentos sociais e, em especial, pelo Movimento Negro, como um espaço/tempo no qual persistem históricas desigualdades sociais e raciais. Esta situação exige do Estado a adoção de políticas e práticas de superação do racismo e da desigualdade racial na educação, as quais começam a ser implementadas de forma mais sistemática nos anos 2000.<sup>9</sup>

Dentre as políticas públicas implementadas no âmbito da educação brasileira, destacamos a Lei 10.639 de 09/01/03<sup>10</sup> que insere a temática da História e da Cultura Afrobrasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino. Alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Brasileira, LDB nº 9394/96. Consideramos esta política educacional uma resposta do Estado às demandas políticas do Movimento Negro, que ao longo da nossa História, em especial do século XX, assumiram o papel de educar a população negra.<sup>11</sup>

Especialistas da temática da reeducação das relações étnico-raciais, tais como: Nilma Lino Gomes,<sup>12</sup> Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva,<sup>13</sup> Ana Célia da Silva,<sup>14</sup> Eliane Cavalleiro<sup>15</sup> e outras/os enfatizam que o racismo é reproduzido no cotidiano das escolas, seja no processo ensino-aprendizagem, nas relações humanas e afetivas, no material didático, no currículo escolar e, até mesmo, na total ausência da questão racial nas práticas discursivas; ou seja, a questão racial é absolutamente silenciada e negada no cotidiano das escolas.



**Foto 2.** Materiais do Projeto Memória Lélia Gonzalez – o feminismo negro no palco da História: livro fotobiográfico de autoria da filósofa e ativista negra Sueli Carneiro; vídeo documentário de autoria da Abravideo e almanaque histórico de autoria do Professor Paulo Corrêa e Antonia Ceva.

Crédito: Acervo Centro de Memória Mulheres do Brasil/ REDEH

9 GOMES, Nilma Lino. “Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas”. RBPAE, v. 27, n. 01, p. 109-121, jan/abr. 2011. p. 109.

10 No ano de 2008, esta legislação foi ampliada pela 11.645, a qual incorporou a questão indígena. Porém, dialogaremos com a Lei 10.639 de 09/01/03, uma vez que consideramos uma conquista das organizações negras, protagonistas da luta contra o racismo no Brasil.

11 Para saber mais: GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz & OLIVEIRA GONÇALVES, Luis Alberto. “Movimento Negro e Educação”. *Revista Brasileira de Educação*. set-dez.2000, nº 15. p. 134-158.

12 GOMES, Nilma Lino. “Diversidade étnico-racial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas”. RBPAE, v. 27, n. 01, p. 109-121, jan/abr. 2011. p. 109-121.

13 GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz & OLIVEIRA GONÇALVES, Luis Alberto. “Movimento Negro e Educação”. *Revista Brasileira de Educação*. set-dez.2000, nº 15. p. 134-158.

14 SILVA, Ana Célia da. *A discriminação do negro no livro didático*. Bahia: UFBA, 1995.

15 CAVALLEIRO, Eliane. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. Belo Horizonte: Editora Contexto, 2000.

8 ARROIO, Agnaldo & GIORDAN, Marcelo. “O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino”. *Química nova na escola*. nº 24, novembro de 2006. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>, Acesso em: 05 nov. 2015.

A partir destas análises, a educação brasileira passa a ser apontada como uma ferramenta de reprodução de práticas racistas, sexistas, homofóbicas em detrimento de uma prática transformadora, libertadora e de respeito às diferenças. Com a aprovação da Lei 10.639, do Parecer CNE/CP03/2004 e a Resolução CNE/CP 01/2004 que instituíram as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana foi dado um impulso por parte do Governo Federal para superação do racismo na educação e na sociedade brasileira.

Dentre os vários princípios elencados nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira destacamos abaixo:

far-se-á por diferentes meios, inclusive, a realização de projetos de diferentes naturezas, no decorrer do ano letivo, com vistas à divulgação e estudo da participação dos africanos e seus descendentes em episódios da história do Brasil, na construção econômica, social e cultural da nação, destacando-se a atuação de negros em diferentes áreas do conhecimento, de atuação profissional, de criação tecnológica e artística, de luta social, tais como: Zumbi dos Palmares, Luiza Mahin, Antonieta de Barros, Beatriz Nascimento, Lélia Gonzalez [...].<sup>16</sup>

Ou seja, um dos princípios é recuperar a participação das lideranças negras da nossa História, dentre elas Lélia Gonzalez, na construção sociocultural e política do nosso país. Lélia Gonzalez foi uma das pioneiras do feminismo negro no Brasil e denunciou o racismo e o sexismo como estruturas de subalternização das mulheres negras.

Historiadora, geógrafa e filósofa de formação, fez diversas incursões pela antropologia, psicanálise e outras áreas do conhecimento. No âmbito acadêmico criou categorias de análise, como *amefricanidade* e *pretuguês*, para embasar suas reflexões sobre a interseccionalidade racismo, sexismo e classe. Segundo Lélia:

Amefricanos/as é a nomeação de todos os descendentes de africanos que não só foram trazidos pelo tráfico negreiro, como daqueles que chegaram à América antes de seu “descobrimto” por Colombo. E nesse longo processo histórico que marca a presença do negro no Novo Mundo, as mulheres negras, ontem como hoje, têm um papel de fundamental importância.<sup>17</sup>

Para ela, as mulheres negras sempre foram as responsáveis pela africanização da cultura brasileira. Em um artigo publicado, nos anos 1980, no qual analisa a situação da mulher negra na sociedade brasileira, Lélia faz uma releitura do papel da Mãe Preta como a responsável pela africanização da nossa cultura e da nossa língua. Com isso ela questiona a História Oficial

ao atribuir a este sujeito um papel central e de resistência ao/no sistema escravista.

Este processo de africanização da cultura brasileira deu origem a outro conceito forjado por Lélia que é o *pretuguês*. Parafraseando a autora:

Eu gostaria de colocar uma coisa: minoria cultural a gente não é não, tá? A cultura brasileira é uma cultura negra por excelência, até o português que falamos aqui é diferente do português de Portugal. Nosso português não é português é ‘pretuguês’. Se a gente levar em consideração, por exemplo, a atuação da mulher negra a chamada ‘mãe preta’, que o branco quer adotar como exemplo do negro integrado, que aceitou a democracia etc. e tal, ela na realidade, tem um papel importantíssimo como sujeito suposto saber nas bases mesmo da formação da cultura brasileira, na medida em que ela passa, ao aleitar as crianças brancas e ao falar o seu português (com todo um acento de kimbundo, ambundo, enfim das línguas africanas) é ela que vai passar para o brasileiro, de um modo geral, esse tipo de pronúncia, um modo de ser, de sentir, de pensar.<sup>18</sup>

Lélia deixou grandes contribuições teóricas para a reeducação das relações étnico-raciais e de gênero, que precisam ser apropriadas pelas academias e pelas militâncias. Um grande impulso foi dado com a aprovação da Lei 10.639 de 09/01/03, mas sabemos que os/as professores/as carecem de uma formação continuada pautada na superação do racismo, do sexismo e do respeito às diferenças.

## Considerações finais

Obviamente que este tema não se esgota aqui, sobretudo, porque o pensamento teórico de Lélia Gonzalez é extremamente atual e precisa ser aprofundado, problematizado. É preciso unir esforços e estabelecer parcerias para criação de uma base documental disponível ao público. Para além de um acervo particular, o acervo de Lélia Gonzalez é um guardião da memória do movimento negro no Brasil e no mundo.

No dia 24 de fevereiro de 2015, o lançamento Oficial do *Projeto Memória Lélia Gonzalez – o feminismo negro no palco da História* ocorreu no Centro Cultural Banco do Brasil, do Rio de Janeiro. Desde então já contabilizamos mais de trinta eventos/lançamentos, no Estado do Rio de Janeiro e outros Estados das Regiões Sudeste, Norte, Nordeste, Sul e Centro-Oeste.

No total foram vinte réplicas da Exposição Itinerante doadas para diversas organizações do movimento negro, movimento de mulheres negras, universidades e institutos de pesquisa do Sudeste, Norte, Nordeste e Centro-Oeste. Na Rede de Desenvolvimento Humano temos duas réplicas da exposição que até o mês de novembro de 2015 circularão pela Baixada

16 BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o Ensino na História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília, 2004. p. 21.

17 GONZALEZ, Lélia. “As amefricanas do Brasil e sua militância”. *Jornal Maioria Falante*. maio-junho, 1988. p. 05.

18 GONZALEZ, Lélia. “Lélia fala de Lélia”. *Revista Estudos Feministas*. nº 02, 1994. p. 385

Fluminense e Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Acreditamos que a repercussão positiva do Projeto Memória, em parte, ocorreu em função das parcerias de sucesso: com a Fundação Banco do Brasil e com a Brasilcap – autoras do projeto memória -, com organizações do movimento negro e de mulheres negras – protagonistas da luta histórica contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira.

Este ano é um marco histórico no processo de mobilização das mulheres negras que se consagra com a Marcha das Mulheres Negras, em Brasília, 18 de novembro de 2015. O Projeto Memória – Lélia Gonzalez o feminismo negro no palco da história foi lançado numa conjuntura política muito importante, no qual o debate sobre as desigualdades raciais e de gênero estavam, e estão em evidência. Com isso, esperamos que, de alguma forma, o projeto tenha, e esteja, contribuindo para a superação do racismo, do sexismo e para uma transformação da sociedade brasileira.

## Referências

ARROIO, Agnaldo & GIORDAN, Marcelo. “O vídeo educativo: aspectos da organização do ensino”. Química nova na escola. n° 24, novembro de 2006. Disponível em: <http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc24/eqm1.pdf>, Acesso em: 05 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações étnico-raciais e para o Ensino na História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília, 2004.

BRASIL. Lei 10.639 de 09/01/03 que insere a temática da História e da Cultura Afrobrasileira e Africana no currículo das instituições oficiais de ensino. Brasília: 2003.

GOMES, Nilma Lino. “Diversidade étnicoracial, inclusão e equidade na educação brasileira: desafios, políticas e práticas”. RBPAAE, v. 27, n. 01, p. 109-121, jan/abr. 2011. P. 109-121.

GONÇALVES E SILVA, Petronilha Beatriz & OLIVEIRA GONÇALVES, Luis Alberto. “Movimento Negro e Educação”. *Revista Brasileira de Educação*. set-dez.2000, n° 15. p. 134-158.

GONZALEZ, Lélia. “A mulher negra na sociedade brasileira”. In: Luz, Madel (org). **Lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, p. 87-106.

GONZALEZ, Lélia. “As amefricanas do Brasil e sua militância”. *Jornal Maioria Falante*. maio-junho, 1988. p. 05.

GONZALEZ, Lélia. “Lélia fala de Lélia”. *Revista Estudos Feministas*. n° 02, 1994. p. 383-386.

HOOKS, Bell. “Intelectuais Negras”. *Revista Estudos Feministas*. ano n° 03, segundo semestre, 1995. p. 464-478.

MACHADO, Vanda. **Aqueles que tem na pele a cor da noite**: ensinâncias e aprendizagens com o pensamento africano recriado na diáspora. Tese de Doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da UFBA, Salvador, Bahia, 2006.

MANZINI, E. J. “A entrevista na pesquisa social”. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

## Sobre Lélia Gonzalez:

BARRETO, Raquel de Andrade. Enegrecendo o feminismo ou feminizando a raça: narrativas de libertação em Ângela Davis e Lélia Gonzalez. Mestrado em História (Dissertação). Pontifícia Universidade Católica do Rio de

Janeiro, 2005.

RATTS, Alex. As amefricanas: mulheres negras e feminismo na trajetória de Lélia Gonzalez. Comunicação apresentada no Fazendo Gênero 09: Diásporas, diversidades e deslocamentos, Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010.

VIANA, Elizabeth do Espírito Santo. Relações Raciais, Gênero e movimentos sociais: o pensamento de Lélia Gonzalez 1970-1990. Mestrado em História Comparada (Dissertação). Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS/UFRJ), 2006.

XAVIER, Giovana. A atualidade de Lélia Gonzalez. In. Coisa de pele: relações de gênero, literatura e mestiçagem feminina. Rio de Janeiro, 1880-1910. Dissertação de Mestrado (História Social). Universidade Federal Fluminense, 2005. p. 34-48.

## Lélia por Lélia:

GONZALEZ, Lélia. “A mulher negra na sociedade brasileira”. In: LUZ, Madel T. (org.). **O lugar da mulher, estudos sobre a condição feminina na sociedade atual**. Rio de Janeiro: Graal, 1982. p. 89-106.

\_\_\_\_\_. “A esperança branca”. *Folha de São Paulo*, Caderno Folhetim, 21 de março de 1982, p. 05.

\_\_\_\_\_. “Amefricanidade: Nanny”. *Revista Humanidades*, ano V, 1988. p. 23-25.

\_\_\_\_\_. “E a trabalhadora negra, cumé que fica?”. *Jornal Mulherio*, ano II, n° 7, maio-junho de 1982, p. 09.

\_\_\_\_\_. “Entrevista”. *Jornal O Pasquim*, Rio de Janeiro, ano XVII, 20/03 a 26/03 de 1986, n. 871, p.08-10.

\_\_\_\_\_. “Mulher negra, essa quilombola”. *Folha de São Paulo*, Caderno Folhetim, 22 de novembro de 1981, p. 04.

\_\_\_\_\_. “Racismo por omissão”. *Folha de São Paulo*, Caderno Opinião, 13 de agosto de 1983, p. 03.

\_\_\_\_\_. “Taí Clementina, eterna menina”. *Folha de São Paulo*, Caderno Folhetim, 21 de fevereiro de 1982, p. 05.